

# O COTIDIANO DOS PROFESSORES DA REDE PÚBLICA DE ENSINO: DESGASTE, INTENSIFICAÇÃO E PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO FRENTE ÀS DEMANDAS EDUCACIONAIS

## *THE QUOTIDIAN OF PROFESSORS FROM PUBLIC SCHOOLS: WEAR, INTENSIFICATION AND PRECARIZATION OF WORK BEFORE THE EDUCATIONAL DEMANDS*

Priscila Sayuri Goto\*

**RESUMO:** O professor é um dos atores fundamentais nas escolas, por isso, majoritariamente sustenta a responsabilidade pela educação escolar e a qualidade de ensino, enfrentando cotidianamente os desafios presentes na área da educação. A sociedade cria uma série de culpabilizações, ignorando-se toda conjuntura em que estão inseridos. Assim, para apreender numa perspectiva de totalidade, o cotidiano desses profissionais, a pesquisa teve como objetivo: conhecer as condições de trabalho dos professores na escola estadual “Professora Angélica de Oliveira” do município de Álvares Machado – SP.

**Palavras-chave:** professor. condições de trabalho. escola pública.

**ABSTRACT:** *The professor is one of the main agents within schools, for this reason, overwhelmingly holds responsibility for school education and teaching quality, facing daily challenges in the education field. The society creates series of faults, ignoring any context in which they are inserted. Thus, to seize a perspective of totality, the quotidian of these professionals, the research had as objective: know the working conditions of professors in the public school “Professora Angélica de Oliveira”, in the city of Álvares Machado-SP.*

**Keywords:** *professor. working conditions. public school.*

## 1 CONDIÇÕES DE TRABALHO DOS PROFISSIONAIS: RESISTÊNCIA E LUTA

A educação enquanto política pública tem sido fortemente ameaçada, já que a:

[...] desqualificação da esfera pública inclui, também a educação, pois as estratégias de ‘redução

---

\* Graduação em Serviço Social pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – UNESP Câmpus de Franca-SP (2010). É mestranda do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da UNESP Câmpus de Franca-SP / Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), sob orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Célia Maria David.

do Estado' para as classes trabalhadoras alinha-se às novas investidas do capitalismo tardio, cuja intencionalidade é a privatização dos bens e serviços de primeira necessidade e uma brutal regressão na esfera dos direitos sociais. (AMARO; BARBIANI; OLIVEIRA, 1997, p. 8)

Daí a crise do sistema público de ensino, pressionado pelas demandas do capital e pelo esmagamento dos cortes de recursos dos orçamentos públicos. (MESZAROS, 2008, p. 16)

Hoje a educação é fortemente concebida como um grande mercado, de modo que a lógica gerencial produtiva de fragmentação do trabalho, de exploração, baixa remuneração, não fica restrita ao espaço fabril, a gestão da política educacional expõe a escola pública a políticas adequadas ao atendimento e reprodução do sistema capitalista, frente às demandas mercadológicas.

A forma peculiar que assume a educação nesse estágio do capitalismo é preocupante. Assim, nas práticas pedagógicas são desenvolvidas técnicas de escolarização voltadas para o mercado de trabalho, a competição no vestibular, a tendência autoritária de disciplinamento, baseadas nos conceitos de produtividade, eficiência e eficácia. Portanto, a educação transformada em objeto de troca, agrega um valor econômico próprio, caracterizando-se por uma atividade altamente lucrativa, enfraquecendo a política educacional como um direito social de todo o cidadão.

A estratégia de mercado em torno da política educacional avança contra as escolas, sejam elas públicas ou privadas, num desgastante “ranqueamento” das melhores instituições de ensino, no qual reduz-se a educação a uma lógica de gráficos de classificação, num contínuo estado de provação, de afirmação de sua qualidade de ensino. Principalmente nas instituições privadas a educação é centralizada na ideologia de liderança, competitividade, consumo exacerbado e ascensão econômica.

Competições, avaliações infundáveis, tornam o cotidiano escolar de ansiedade e cobrança diária, métodos que pressionam, que exigem maturidade e tornam a educação um processo decorado, fragmentado, equacionado a resolução de provas e questionários,

na qual aplicam-se uma nota que ‘mede’ o conhecimento do estudante. Por isso, os profissionais da área da educação, assim como os estudantes, são frequentemente manipulados, tornam-se reféns das reformas nas políticas educacionais que vêm sistematizadas e devem ser aplicadas seguindo os métodos e padrões de ensino-aprendizagem determinados pelo governo, nos quais “educar passa a ser fundamentalmente, escolarizar” (SAVIANI, 1991, p. 29).

Diante das mudanças claramente observadas ao longo da história, a atuação dos profissionais inseridos nessas instituições de ensino atingiu uma maior amplitude. Sabe-se que o processo de ensino-aprendizagem não fica restrito ao espaço da escola, que as relações não se limitam aos profissionais da unidade de ensino e dos estudantes. No entanto, o professor, sendo um dos atores fundamentais nas escolas, majoritariamente sustenta a responsabilidade pela educação escolar e a qualidade de ensino, enfrentando diariamente os desafios presentes na área da educação.

Hoje, a sociedade brasileira cobra, cotidianamente, a superação do nível insatisfatório da qualidade de ensino, o fim das práticas inadequadas de avaliação do desempenho educacional do aluno, a definição de metodologias educacionais apropriadas e contextualizadas e reclama da inexistência de uma política devidamente comprometida com as suas necessidades educativas e com os problemas enfrentados pelo magistério, que favoreça, principalmente, a implementação de gestão democrática na escola. (MOTTA et al, 2001, p. 88)

A sociedade cria uma série de culpabilizações e muitas vezes direciona os dilemas enfrentados pela educação pública a um único profissional ignorando-se toda conjuntura em que a categoria está inserida, afinal existem inúmeras questões perpassam o cotidiano desses sujeitos, todavia estes não são compreendidos em sua totalidade.

Estudos atuais demonstram a fragilidade nas condições de saúde e qualidade de vida dos profissionais da área da educação,

sendo que a categoria de professores é considerada uma das profissões mais estressantes, pois

[...] nossos professores continuam sendo profissionais mal remunerados em um mercado de trabalho em constante transformação, o que os obriga a acumular jornadas duplas (quando não triplas) de trabalho, submetendo-os a regras e ritos de um sistema escolar que cada vez mais os aprisiona numa teia de interesses diversos. E, talvez mais grave, os professores continuam sendo culpabilizados pelo fracasso da escola. (DIAS-DASILVA; FERNANDES, 2006, p. 2, on-line)

Nota-se que o sistema educacional brasileiro está cada vez mais precário, dados do Ministério da Educação indicam que de “[...] 2007 a 2009, a proporção de professores que lecionaram três disciplinas ou mais no ensino médio subiu de 7% para 21,5% do total do magistério [...]” (GUIBU; TAKAHASHI, 2010, p. C5). Nesse imprevisto de aulas de diferentes matérias lecionado por um único professor, quando não há professores de determinadas disciplinas (principalmente Química, Física, Matemática e Biologia) disponíveis, revela-se a situação emergencial da área da Educação.

Existe um grande contingente de professores inseridos nas escolas públicas, porém a educação privatizada, transformada em mercadoria, na qual professores vendem sua força de trabalho, certamente precariza ainda mais as relações no espaço escolar,

[...] os professores são considerados mais como obedientes servidores civis, desempenhando ordens ditadas por outros, e menos como pessoas criativas e dotadas de imaginação, que podem transcender a ideologia dos métodos e meios a fim de avaliar criticamente o propósito do discurso e da prática em educação. (GIROUX, 1992, p. 14)

Toda formação crítica dos professores ainda é perspectiva um pouco distante para a maioria dos educadores, a fundamentação teórica construída e apreendida na graduação e nos cursos

de licenciatura, os métodos e técnicas criativas de ensino são facilmente descartadas,

Os professores não estão sendo simplesmente proletarizados. A mudança da natureza de seu papel e função significa o desaparecimento de uma forma de trabalho intelectual de importância central para a própria pedagogia crítica. (GIROUX, 1992, p. 9)

O professor muitas vezes é surpreendido por novas questões provenientes do sistema capitalista, que demandam no cotidiano de trabalho e põe em conflito a identidade profissional construída ao longo da formação acadêmica nos cursos de Pedagogia e de licenciatura. Estes profissionais, condicionados a exploração, são induzidos a assumir e agregar novas características as suas intervenções pedagógicas de acordo com a organização e o planejamento da instituição.

Geralmente são trabalhados em sala de aula conteúdos voltados para áreas específicas, uma formação destinada a atender o mercado de trabalho, conforme os interesses do sistema capitalista vigente.

Daí resulta uma docência mecânica, quanto não tecnicista, que não se dá conta de complicadores de ordem antropológica, política, social e cultural que atravessam a educação e o ensino. O curso também não oferece clareza quanto aos objetivos do ensino fundamental e médio nas atuais condições sócio-econômicas brasileiras nem quanto às características psicossociais de seus alunos e históricas de sua cultura. (SEVERINO, 2001, p. 145)

A educação é um processo que deve ser apreciado, suscitado, instigado a partir da curiosidade e busca pelo saber, pelo conhecimento, pela pesquisa, a arte, a cultura, o saber. Assim, necessitam-se metodologias, procedimentos e informações que estimulem o interesse do estudante, fazendo a conexão da Educação com a realidade social do estudante, pois muitas vezes o não entendimento de algumas matérias e aulas são devido a esse distanciamento entre a teoria e o real concreto.

O grande desafio da escola pública está em garantir um padrão de qualidade (para todos) e, ao mesmo tempo, respeitar a diversidade local, étnica, social e cultural. (ROMÃO; GADOTTI, 2001, p. 48)

Outra questão travada no espaço escolar são as condições de trabalho dos professores substitutos, estes representam uma categoria de profissionais que vivem um cotidiano ainda mais precarizado que os professores efetivos. Eles são acionados quando algum professor falta eventualmente ou necessita se ausentar por dias, semanas ou meses de licença. Desta maneira, os substitutos entram em ação, porém na maioria das vezes não conseguem responder a demanda de estudantes na sala de aula, pois são vistos por eles como profissionais sem muita autoridade ou até mesmo credibilidade. Assim, os professores substitutos vivenciam um cotidiano de insegurança, pois assumem uma posição em que precisam ter estratégias frente às relações e formas de resistência dos estudantes no desenvolver do seu trabalho.

Dentre esses grandes impasses na prática pedagógica é complexo ao educador compreender determinadas situações que incidem no processo de ensino-aprendizagem dos estudantes das classes populares e suas famílias. Conseqüentemente, mediante os desafios atuais da educação, os saberes educacionais específicos do professor, devem ter interlocução com outras áreas do conhecimento, de forma que cada um contribua com o processo educacional de acordo com a especificidade de sua área de atuação.

Atualmente é necessário, mais do que nunca, trabalhar numa perspectiva interdisciplinar de troca de saberes a partir da horizontalidade, de socialização de conhecimentos, de construção coletiva para que os objetivos sejam alcançados de maneira a concretizar-se com eficiência e eficácia, em todos seus âmbitos, contemplando não somente o interesse dos estudantes, mas também garantindo qualidade de vida e condições dignas de trabalho aos profissionais da área da Educação.

Por isso, este estudo partiu da necessidade de compreender o cotidiano de trabalho dos professores de escola pública “Professora

Angélica de Oliveira” do município de Álvares Machado – SP, conhecer os reais dilemas desta categoria profissional, na tentativa de evidenciar a existência de situações de dificuldade e tensionamentos escolares. Para desvelar essa realidade objetivou-se:

- Conhecer o cotidiano de trabalho do professor;
- Verificar se existe a interlocução dos professores com outros profissionais e/ou professores que trabalham na escola;
- Analisar a relação estabelecida entre professor-estudante.

Considera-se que a técnica utilizada para a realização da pesquisa é um importante instrumento que subsidia a veracidade das informações para obtenção do conhecimento real do contexto em que o professor está inserido. Desta maneira, optou-se pela pesquisa qualitativa, realizada a partir de entrevistas individuais com professores que atuam na escola.

Para tanto, elaborou-se um roteiro com questões semi-estruturadas e três professores foram entrevistados. Na definição dos sujeitos da pesquisa, decidiu-se que seriam dois professores que mantêm contato diário e direto com os estudantes. A princípio foram escolhidos aqueles que lecionam a um tempo significativo na unidade de ensino, que conhecem a dinâmica escolar. Todavia, posteriormente também se entrevistou um professor que está há pouco tempo nesta escola, no sentido de compreender as condições de trabalho dos professores que estão iniciando suas atividades e o modo como estão se adaptando ao cotidiano escolar.

As entrevistas foram realizadas na própria unidade de ensino, utilizando-se de gravador de voz mediante a autorização dos entrevistados. Após a realização das entrevistas, as informações e os conteúdos obtidos foram transcritos e sistematizados, com o intuito de identificar os discursos mais significativos ao alcance dos objetivos da pesquisa.

A análise dos depoimentos embasou-se no método materialista histórico-dialético. A apreensão do objeto de estudo partiu da realidade concreta do professor, considerando suas

características próprias, suas contradições e relacionando com o todo que influencia o movimento do real, buscando compreendê-la numa perspectiva de totalidade.

Para ultrapassar o conhecimento isolado dos fenômenos e partir para um saber crítico, na tentativa de compreender o fenômeno além da aparência, é preciso ter claro que cada objeto, cada fenômeno que se apresenta na sua singularidade, requer um conhecimento e análise específicos de abordagem, pois não se pode descartar a estrutura e conjuntura histórica em que se manifesta determinada situação,

A compreensão dialética da totalidade significa não só que as partes se encontram em relação de interna integração e conexão entre si e com o todo, mas também que o todo não pode ser petrificado na abstração situada por cima das partes, visto que o todo se cria a si mesmo na interação das partes. (GADOTTI, 1986, p. 25)

## **2 O CENÁRIO DA PESQUISA: ELEMENTOS PARA ANÁLISE**

O universo da pesquisa foi a escola estadual “Professora Angélica de Oliveira”, situada no município de Álvares Machado, localizado no oeste do Estado de São Paulo. O município é de pequeno porte e tem população estimada de aproximadamente 23.779 habitantes. A realização da pesquisa de campo foi no ano de 2010 e possibilitou maior aproximação com a realidade social e escolar dos sujeitos pesquisados.

As entrevistas com os professores da escola pública tiveram como objetivo: conhecer a realidade dos professores que trabalham na escola através da compreensão de:

- Como é o cotidiano profissional;
- A relação estabelecida entre o professor e os outros profissionais;
- A relação do professor-estudante;
- Quais as condições de trabalho do professor.

Após a realização das entrevistas, as informações e os conteúdos obtidos foram transcritos e sistematizados, com o intuito de identificar os depoimentos mais significativos. Na identificação dos sujeitos da pesquisa, para caracterizar de maneira sigilosa a identidade dos participantes, será utilizada a codificação seguinte:

Sujeitos da Pesquisa	Código
Professor 1	P1
Professor 2	P2
Professor 3	P3

### 3 APROXIMAÇÕES AO COTIDIANO DO ESCOLAR: DESMISTIFICANDO A RELAÇÃO PROFESSOR-ESCOLA-ESTUDANTE-TRABALHO

O contato com a realidade dessa categoria profissional possibilita compreender os atuais desafios produzidos no espaço escolar e as difíceis situações vivenciadas por esses professores que representam uma parcela do grupo de educadores existentes no Brasil. Nas falas dos sujeitos da pesquisa foi unânime **a insatisfação salarial, a precarização do trabalho, a desvalorização e o despreparo do profissional, o excesso de trabalho, o sentimento de desgaste vivenciado no espaço escolar:**

A questão do trabalho do professor em primeiro lugar é a questão do salário. O professor devia ganhar bem, pra questão de chegar em casa ter tempo pra preparar uma aula... Isso o professor não tem. Como ele ganha pouco, ele tem que fazer até serviços de casa, não dá pra pagar uma empregada. [...] (P2)

(As condições de trabalho) Não são fáceis não. O professor tá difícil, porque questão assim, ele não tem aumento salarial, ele não muito valor hoje em dia [...] Professor não é aquela profissão valorizada. [...] O governo não reconhece o trabalho do professor [...] Cotidiano corrido, tudo depende do horário. Não é fácil. (P1)

Falta de remuneração, ‘n’ motivos que tornam o trabalho do professor mais difícil, desmotivação, o excesso de aula que você tem que pegar, o excesso de trabalho que ele leva pra fora da escola pra casa. [...] Eu, por exemplo, eu tenho sete escolas diferentes, eu dou uma aula por semana em cada escola. Eu tenho 33 cadernetas, quase 1.500 alunos, eu gasto por mês combustível R\$1000,00. [...] o que me salva é a escola particular que eu dou aula, porque o Estado ele dá uma quantia de R\$60,00 de ajuda de custo. (P3)

Segundo Gatti (1997, p. 60), “A valorização social real de uma área profissional traz reflexos nas estruturas de carreira e nos salários a ela relativos.” Para o professor, a desvalorização e a insatisfação, tornam o trabalho frustrante, sendo praticamente impossível ao profissional construir cotidianamente um trabalho adequado ao processo de ensino-aprendizagem do estudante.

Paradoxalmente, o professor é visto por uma parcela da sociedade, como o profissional que assume a responsabilidade de estimular a educação, ou seja, sustenta a responsabilidade pelo “fracasso” ou “sucesso” escolar do estudante. No entanto, a situação de precariedade e sobrecarga de trabalho devido à necessidade de acumular aulas para complementar seu salário, dificulta ainda mais o professor estar atento aos estudantes que possuem dificuldades de aprendizado, preparar aulas ou outras atividades relacionadas à matéria que leciona.

O professor não tem tempo de pesquisar, fazer uma pesquisa, porque o salário realmente é pouco [...] E o governo deveria dar mais cursos de aperfeiçoamento [...]. (P2)

Além da insatisfação salarial, da ausência de cursos de capacitação ou formação continuada para os professores e a falta de condições dignas de trabalho, ainda existem inúmeras **cobranças ao professor por parte do Estado, da sociedade, da família, do estudante, da instituição de ensino:**

Então as condições de trabalho são difíceis, porque quando fala da educação [...] trabalhar de outra maneira, diversificar, a gente procura fazer o melhor, mas só professor sabe quando ele chega na sala de aula o que ele tem que enfrentar, ele é muito cobrado. [...] Quando se chega numa sala superlotada com cerca de 40, 45 alunos, cada um com uma estrutura familiar diferente, é complicado. Porque muitas vezes a gente convive com aluno drogado... tem sim, tem bastante. [...] (P1)

Na sala de aula, principalmente, nas classes superlotadas, o professor trabalha com uma homogeneidade de sujeitos, cada um com uma realidade social, cultural, econômica e familiar diferente.

A superlotação das salas é mais freqüente nas escolas públicas de educação básica do que se esperava, o que reflete em problemas no plano qualitativo, já que a necessidade de responder a maior contingente impede os professores de considerar as individualidades e necessidades do aluno, tão ressaltadas pelas modernas pedagogias que estão no centro das reformas educativas. (ASSUNÇÃO; OLIVEIRA, 1978, p. 359)

O ambiente escolar, sendo um rico espaço da multidiversidade étnico e cultural, ao mesmo tempo em que possibilita o educador a trabalhar com os estudantes essas diferenças existentes no Brasil, possui um rebatimento negativo como afirma Assunção e Oliveira (1978) na medida em que oculta as individualidades, especialmente daqueles estudantes que possuem maior dificuldade de aprendizado e necessitam de atenção exclusiva dos professores para que possam acompanhar, num nível de igualdade, as matérias em sala de aula.

Os professores não têm uma formação direcionada para o enfrentamento dessas diversas demandas que se desdobram no âmbito escolar, e na maioria dos casos, o profissional da área da educação foi capacitado com conteúdos de ensino e técnicas pedagógicas que não condizem com as questões que muitas vezes são oriundas da realidade social, econômica, cultural desses estudantes.

O surgimento de problemas e dificuldades socioeconômicas apontadas pelos professores põe em pauta as práticas educativas desempenhadas pelos profissionais da área da educação:

À medida que se tornam mais complexas as demandas às quais as escolas devem responder, também se complexificam as atividades dos docentes. Estes se encontram muitas vezes diante de situações para as quais não se sentem preparados, seja pela sua formação profissional ou mesmo por sua experiência pregressa. (ASSUNÇÃO; OLIVEIRA, 1978, p. 354)

Compreender as questões que se apresentam no interior das escolas, sejam elas particularidades da Questão Social, sejam questões familiares, pessoais, profissionais, psicológicas, nutricionais, habitacionais, etc. pressupõe refletir sobre essa realidade social de maneira coletiva, na qual cada profissional contribua com a especificidade de sua profissão, a fim de tornar a escola um espaço de escolarização efetiva e de qualidade.

Outro aspecto habitual ao cotidiano do professor é a **desmotivação dos estudantes, a falta de perspectiva**. Embora os estudantes entrevistados representem uma parcela daqueles que compreendem o significado do estudo como um meio de ascensão social e melhoria de condições de vida, segundo os relatos dos professores, para a maioria dos estudantes a educação escolar é praticamente uma obrigação a ser cumprida. O professor refere-se ao seu cotidiano na escola como:

[...] difícil. É difícil porque é frustrante. Não é difícil porque é cansativo, não é difícil porque há violência, não. Eu acredito que é difícil porque é frustrante, é triste. Muitas vezes assim é triste. É claro que você tem salas maravilhosas que te faz assim falar: “Nossa! Que bom que eu sou professor!”, mas é triste porque você vê muitos jovens [...], gente que não sabe ler, não sabe escrever [...] então isso é triste. Jovens sem perspectivas nenhuma de mudança. (P3)

Sobre a **relação professor-estudante**, observam-se as dificuldades diárias, tanto na fala do professor, quanto na fala do estudante:

[...] a questão de relacionamento dos alunos, tá difícil. Comportamento, a indisciplina. Por mais, por melhor que você faça [...] Tá difícil. Então a gente tem que ter aquele “joguinho de cintura” pra conseguir ensinar, que é o mais importante. Mas tentar superar isso aí também. Porque essa indisciplina tá muito grande. [...] O professor tem que saber lidar com essa situação. “Segurar a rédea” quando precisa, mas também ser amigo do aluno ao mesmo tempo. Porque tem muito estudante que pega raiva do professor, se pegar raiva ou alguma “birra” com o professor ele procura fazer de tudo pra que tumultue essa sala de aula. (P1)

Com alguns professores (o relacionamento) não é bom não. Mas com o resto é normal. É que tem uns que implicam mesmo, que não “bate”. (E1)

A relação professor-aluno é uma relação complicadíssima na escola, porque os professores não conseguem compreender que o aluno não é um professor, é uma pessoa que tá em formação ainda, uma formação que vem debilitada de muito tempo. [...] Então você percebe o conflito entre alguns professores e alunos, e isso interfere, porque me deixa triste. E os alunos falam isso, eu pergunto pra eles e eles falam “olha os professores não falam ‘boa noite’ direito, não quer saber se a gente tá bem ou não tá”. Então essa relação assim, dos dois lados: de um lado tem o professor que não tá nem aí pro aluno, não quer saber quem é o aluno. Muitas vezes diz que é porque não tem tempo, não tem interesse, porque não quer mesmo saber. E o aluno quando ele percebe isso, que o professor não se importa com ele, que o professor não tá nem aí pra ele, nem aí pra aquilo que ele tá aprendendo, [...] o aluno também abre mão da sua educação. (P3)

Na concepção de um dos professores, o fato do professor estar em meio a muitas questões vivenciadas pelos estudantes e diante do cotidiano intenso, cansativo e estressante, de muitas atividades e compromissos:

[...] acaba fazendo com que ele (o professor) não preste mais atenção no seu aluno e ele não prestando atenção nos alunos, o aluno também fica “revoltado” com isso, porque os alunos são muito carentes, eles sentem a necessidade de que alguém se preocupe com eles, porque em casa, com a família ninguém se preocupa com eles. Ele chega na escola e o professor se preocupa com ele tem aí a possibilidade de se espelhar e querer conhecer , se importar com a matéria, então ele acaba se importando. Se o professor não se importa com ele, ele também não se importa com o que ele tá aprendendo. (P3)

Muitas vezes, as **questões familiares são contrapostas à escola**, e os profissionais da área da educação, acabam culpabilizando a família, pelo fato da indisciplina,

Porque a escola depende muito do berço, da família, né? (P1)

[...] tem a questão do acompanhamento dos pais e os pais de escola particular eles geralmente acompanham os alunos e na escola pública os pais não dão esse acompanhamento, eles largam por conta da escola e não tem interesse. [...] se o pai não estiver, não participar da vida escolar do aluno é óbvio que pro aprendizado influência muito [...] (P2)

[...] ter uma família mais consciente da importância da educação. Então eles acabam tendo um desempenho melhor. Agora, a maioria como tem uma base familiar muito fraca e condições financeiras também muito precárias, esse não vê uma educação, um ensino médio, por exemplo, como a possibilidade de entrar pra uma Universidade. (P3)

De um lado, vê-se que muitos atribuem a “indisciplina”, a “falta de educação”, centrada na culpabilização da família, na qual a educação teria que vir “primeiro de casa”. Do outro estudante e a família muitas vezes culpabiliza a escola ou o professor, pela má qualidade de ensino. É interessante perceber que cada sujeito tenta apontar sempre um culpado, como se as questões fossem puramente individuais.

Em alguns casos o professor se sente culpado, ou também culpa a escola, a direção, a coordenação pelas diversas dificuldades que se apresentam na realidade escolar.

É só uma reclamação, uma choradeira, só lamentação, ninguém quer assumir que também é culpado no processo. A culpa é sempre do outro, ele (o aluno) tem culpa. Então se meu aluno não tá aprendendo, a culpa é dele, não sou eu que não to ensinando direito, não sou eu que não to tentando motivar o aluno. (P3)

É preciso conhecer as **reais condições pedagógicas, materiais e psicológicas** que o professor tem no seu exercício profissional, antes de julgá-los, pois apesar dessas dificuldades relatadas por ambas às partes, o professor considera que:

[...] uma escola sem aluno não é escola, não é mesmo?! A escola precisa do professor, mas o professor também precisa do aluno, do estudante, se não tiver não tem esse ambiente escolar. (P1)

(o estudante) [...] deveria ser o pilar da educação, deveria ser o centro das atenções [...] Porque o aluno ele também é parte do processo, então enquanto o professor não descobrir que ele tá construindo junto com o aluno, aí ele não vai ser um bom professor e o aluno vai ficar em segundo plano. Quer dizer o aluno não vai alcançar o status que ele tem que alcançar de estudante, de quem tá aprendendo. (P3)

Sobre a **relação e o trabalho desenvolvido com os outros profissionais**, nota-se que há divergências nas descrições dos professores:

[...] em relação aos outros profissionais e colegas o relacionamento é muito bom. Um ambiente gostoso, de bastante amizade, a gente sempre troca idéias com os professores da área também. Então quanto a isso eu não tenho do que reclamar não. (P1)

Eu procuro evitar muito o contato, porque a depressão é tão grande entre os profissionais, os professores, que a sala dos professores é um lugar que eu não gosto muito de ficar. Eu prefiro ficar no pátio com os alunos, porque você entra na sala dos professores é só lamentação. Na verdade a maioria não sabe o que tá fazendo ali. Ou porque não gosta ou porque quando foi escolher a profissão não tinha idéia do que era, porque não estão preparados pras transformações do mundo. [...] Mas o que eu percebo é que os professores estão despreparados, desmotivados, mas também não justifica [...] por isso que eu sofro bastante. Porque eu sei qual é a importância do meu trabalho, na verdade eu fico triste pelos alunos. [...] Mas assim, a relação com os outros profissionais, com os outros professores é uma relação complicada. Porque é uma relação muito mesquinha, de muita inveja. (P3)

As relações hierarquizadas e a competitividade fragmentam a categoria profissional, a lutar por melhorias coletivas, o governo ainda cria “metas de aproveitamento” para os professores com melhor desempenho, garantindo assim gratificações a uma parcela dos profissionais e dividindo ainda mais a classe trabalhadora.

Imersos em um cotidiano profissional bastante adverso, no qual ocupam o lugar de meros executores das regras da educação, o desgaste das forças dos professores, o sofrimento psíquico são inevitáveis: as tentativas individuais de superação dos problemas freqüentemente enfrentados no dia-a-dia institucional raramente trazem resultados frutíferos; o doloroso cotidiano dos conflitos entre professores e alunos, professores e familiares, reforça e intensifica a inimizade e a distância que tradicionalmente existe entre eles; a rígida hierarquia do sistema escolar e o

lugar que os docentes nela ocupam não estimulam a pensar, a tentar. A atividade docente vai perdendo o sentido. (PAPARELLI, 2001, p. 144)

O espaço dos profissionais trocarem experiências, idéias, compartilhar coisas vivenciadas no dia-a-dia, torna a sala dos professores um ambiente de lamentações e desabafos:

As relações de favorecimento aos professores que são mais antigos (eles) têm os melhores horários, tudo pra favorecer aqueles que são amigos de quem tá ali no poder. [...] Então a relação com os outros profissionais é uma relação complicada, tem que ter bastante “jogo de cintura”. Porque ao mesmo tempo você tem que saber cativar, ter carisma, pra não causar atrito, mas é triste assim. (P3)

Em meio a essa instituição contraditória, que é o espaço escolar, o professor ainda considera que:

[...] se continuar desse jeito as coisas só tendem a piorar, cada vez mais. Os (professores) que estão, estão saindo e os mais novos, não querem ficar. Por exemplo, eu já to aí fazendo mestrado, correndo atrás de algo melhor, porque você acaba se desgastando, não por conta dos alunos. Ao mesmo tempo você fica triste, você fala assim: “se eu deixar os alunos, o que vai ser”. Tipo eu posso fazer a diferença, eu tento fazer a diferença, mas ao mesmo tempo você pensa até que ponto você vai suportar, se você não tem o respaldo da coordenação, se você não tem o respaldo da direção, você não tem respaldo nenhum. Então a escola tá assim “ao Deus dará” essa é a verdade. Todas as escolas. (P3)

Nos relatos dos professores, tem-se uma diversidade de opiniões sobre a realidade do professor de escola pública, verifica-se a tentativa que muitos têm de inovar, de construir métodos diferenciados as atividades de ensino-aprendizagem, apesar das imposições do governo do Estado, em criar currículos estabelecidos de acordo com o mercado de trabalho, ainda há aqueles que buscam alternativas para a prática educativa de modo emancipador.

Embora existam inúmeros impasses e conflitos no espaço escolar, mantém-se esperança na fala do profissional, em acreditar que seu trabalho pode, mesmo que minimamente, fazer a diferença.

Neste contato foi possível dimensionar as fragilidades do trabalho do professor, que atualmente configura-se numa atividade profissional de rotina intensa, de jornada de trabalho indefinida, de cansaço, de cobranças e regras, um cotidiano de luta diária, de contínuo desgaste e prejuízo físico e mental, num ambiente de trabalho estressante e de relações de trabalho fragilizadas.

A educação, potencialmente e ideologicamente, reproduz os princípios de possibilidade de mudança, de ascensão econômica e social, por isso os profissionais da área da educação, sobretudo os professores, muitas vezes sustentam a responsabilidade de assegurar ensino de qualidade, nesse sentido, também são apontados como a categoria responsável pelo insucesso ou fracasso escolar.

Para que o professor consiga desenvolver um bom trabalho é importante destacar que o local, o ambiente escolar, preferencialmente deve ser tranquilo, respeitoso, ético, harmonioso, com materiais de qualidade disponíveis, salas de aula limpas, alimentação adequada às necessidades dos estudantes de acordo com a faixa etária dos que estão matriculados na escola, enfim, são essas as mínimas condições para que se consolide um trabalho com resultados positivos. Contudo, em relação a valorização do trabalho profissional, muitos professores sentem-se insatisfeitos com os baixos salários, a grande demanda de trabalho e o cotidiano de intenso desgaste físico e mental.

É preciso compreender que a ação do educador, não é “salvar”, “resgatar” todos esses anos em que se reproduziu a cultura da exclusão, como um profissional que sozinho irá enfrentar as questões educacionais, sem respaldo algum das outras profissões. Para fortalecer a Política Educacional, é necessário que o cenário escolar se transforme, que se desenvolva e formule estratégias sintonizadas com as novas configurações de trabalho dos professores, buscando superar as contradições e dicotomias inerentes a esta ordem de exploração e dominação do capital, numa atuação coletiva que fortaleça a escola como um espaço

de formação, inclusão, resistência e de luta, a fim de eliminar o conformismo existente e romper com a situação de precariedade, exploração e violência escolar.

## REFERÊNCIAS

AMARO, Sarita Alves; BARBIANI, Rosangela; OLIVEIRA, Maristela Costa de. **Serviço Social na escola: o encontro da realidade com a educação.** Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1997.

ASSUNÇÃO, Ada Ávila; OLIVEIRA, Dalila Andrade. Intensificação do trabalho e saúde dos professores. **Educação & Sociedade: Revista de ciência da Educação/Centro de Estudos Educação e Sociedade.** São Paulo: Cortez; Campinas: CEDES, v. 1. n. 1. p. 349-372, 1978.

DIAS-DA-SILVA, Helena G.; FERNANDES, José Silva. **As condições de trabalho dos professores e o trabalho coletivo: mais uma armadilha das reformas educacionais neoliberais?** Disponível em: <[http://www.fae.ufmg.br/estrado/cd\\_viseminario/trabalho\\_eixo\\_tematico.htm](http://www.fae.ufmg.br/estrado/cd_viseminario/trabalho_eixo_tematico.htm)>. Acesso em: 13 ago. 2010.

GADOTTI, Moacir. **Concepção dialética da educação: um estudo introdutório.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 1986.

GATTI, Bernardete Angelina. Carreira e Salários: Profissão não atraente. In: \_\_\_\_\_. **Formação de professores e carreira: problemas e movimentos de renovação.** Campinas: Autores Associados, 1997. Cap. 5. p. 59-64. (Coleção Formação de Professores)

GUIBU, Fábio; TAKAHASHI, Fábio. **Professor chegou a lecionar 5 matérias ao mesmo tempo.** Folha de S. Paulo, São Paulo, 5 set. 2010, p. C5.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital.** 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008. (Mundo do trabalho)

MOTTA, Custódio G. L. da et al. Carta escolar: Instrumento de planejamento coletivo. In: ROMÃO, José Eustáquio; GADOTTI, Moacir. (Org.). **Autonomia da escola: princípios e propostas**. 4. ed. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2001, p. 51-64.

PAPARELLI, Renata. **Trabalho Precoce e Escolarização: uma trama complexa**. 2001. 193 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

ROMÃO, José Eustáquio; GADOTTI, Moacir. Escola cidadã: a hora da sociedade. In: \_\_\_\_\_. **Autonomia da escola: princípios e propostas**. 4. ed. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2001, p. 43-50.

SAVIANI, Dermeval. **Educação e questões da atualidade**. São Paulo: Cortez, 1991.